

TRABALHOS DE RECONSTRUÇÃO DA ANTA DO CABEÇO DA FORÇA (ROSMANINHAL, IDANHA-A-NOVA)¹

Reconstruction of the Dolmen of Cabeço da Força at Rosmaninhal (Idanha-a-Nova)

João Carlos Caninas², Francisco Henriques³, Armando Sabrosa⁴ e Mário Chambino⁵



Palavras-chave: Idanha-a-Nova, megalitismo, reconstrução, valorização cultural

¹ Este documento corresponde a uma adaptação do relatório enviado ao Instituto Português de Arqueologia, em Setembro de 2006.

² Arqueólogo, membro da Associação de Estudos do Alto Tejo, coordenador-geral do Projecto de Investigação “ALTEJO - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português”, homologado pelo Instituto Português de Arqueologia no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos.

³ Arqueólogo, membro da Associação de Estudos do Alto Tejo.

⁴ Arqueólogo, colaborador da Associação de Estudos do Alto Tejo, falecido.

⁵ Licenciado em História pela Universidade Aberta, membro da Associação de Estudos do Alto Tejo.

Resumo

Dá-se notícia dos trabalhos de reconstrução (parcial) efectuados numa sepultura pré-histórica situada nos arrabaldes da antiga vila de Rosmaninhal, hoje sede de uma das freguesias do concelho de Idanha-a-Nova.

O monumento funerário, de tipo dolménico, envolvido por um *tumulus* sub-circular constituído por argila, xisto-grauvaque e quartzo branco, foi objecto de várias campanhas de escavação arqueológica, entre 1999 e 2003, ao abrigo de um projecto de investigação financiado pelo Instituto Português de Arqueologia e pelas autarquias locais.

A acção em apreço consistiu na colocação de novos esteios delimitadores da câmara funerária, da qual apenas se conservou um, em posição oposta ao corredor, e gravilha sobre geotêxtil nas áreas escavadas.

Abstract⁶

It was reported the partial reconstruction accomplished at a pre-historical grave sited at the suburbs of the ancient town of Rosmaninhal, today the head of one of the Parishes of Idanha-A-Nova County.

The dolmen type funeral memorial, surrounded by a sub-circular *tumulus* made of clay, greywacke schist and white quartz, had been an object of several archaeological prospections between 1999 and 2003. These works were part of an investigation project financed by Portuguese Institute of Archaeology and local municipalities.

The action consisted on positioning new restricting stays at the funeral room keeping only one of the original opposing the corridor, which was made of gravel over a geo textile substratum in the excavate areas.

⁶ Tradução de Isabel Flecha Vasconcelos.

Introdução

A anta do Cabeço da Força está situada nos arrabaldes da antiga vila de Rosmaninhal (**Figura 1**), hoje sede de uma freguesia do concelho de Idanha-a-Nova, do distrito de Castelo Branco.

Este monumento, uma sepultura pré-histórica, foi objecto de escavação arqueológica (**Figuras 2 a 4**), dirigida por dois dos signatários (JC e FH), no âmbito de um projecto de investigação de incidência regional (Projecto ALTEJO), promovido pela Associação de Estudos do Alto Tejo, entre 1999 e 2003, sendo co-financiado pelo Instituto Português de Arqueologia, por diversas autarquias locais e por outras entidades.

A estrutura consiste num montículo sub-circular, com 14 metro de diâmetro, constituído por argila e clastos de xisto-grauvaque e quartzo branco (anel de contenção, contrafortes e couraça), o qual envolvia uma câmara funerária relativamente ampla, de configuração também sub-circular, e um corredor incipiente (**Figura 4**).

A este relevo, artificial, está associado o topónimo Cabeço da Força, sendo crível que tivesse servido de base a uma construção daquele tipo. Por outro lado o nome Eira dos Gorrões (inf. M. Chambino), que também lhe é aplicável, pode estar associado ao uso de quartzo leitoso na couraça de pedra que capeava a mamoa.

A escavação arqueológica revelou uma câmara funerária delimitada por lajes de xisto fincadas no solo, de que se conservou completa apenas uma, e um corredor estreito, muito baixo, que não seria coberto, no qual se encontrou um depósito ritual constituído por uma dezena de machados e enxós em pedra polida.

Não foi possível determinar o número de “enterramentos” que acolheu mas os dados recolhidos no decurso da escavação arqueológica, que foram objecto de uma primeira divulgação científica (Cardoso, Caninas & Caninas, 2003), sugerem uma utilização no Neolítico Final/Calcolítico (IV-III milénio a.C).

O estado de conservação deste monumento favorecia a execução de um plano de reconstrução⁷, o qual visou repor a estrutura de contenção ortostática da câmara funerária (**Figura 5**) - a parte do monumento mais degradada – numa óptica de valorização pública.

Por outro lado, a intenção de reconstruir o monumento foi motivada, entre outros aspectos, pela sua localização junto da povoação, pela boa acessibilidade, pela inexistência de impedimentos ao seu usufruto público (o terreno pertence à Junta de Freguesia de Rosmaninhal), pela receptividade à ideia por parte da Junta de Freguesia e pelo magnífico enquadramento paisagístico, ao lado das antigas eiras da Devesa⁸.

⁷ Sinónimo de restauro, conceito que admite “o *acrescento indispensável e harmonioso de partes novas que facilitem a leitura interpretativa do objecto original...*” (Jorge, 1992).

⁸ Como em tantos outros casos documentados no Sul da Beira Interior, ao lado deste monumento existem trilhos de uma antiga via de carroças (**Figura 6**) que transpunha o ribeiro da Devesa sobre um velho pontão em pedra.

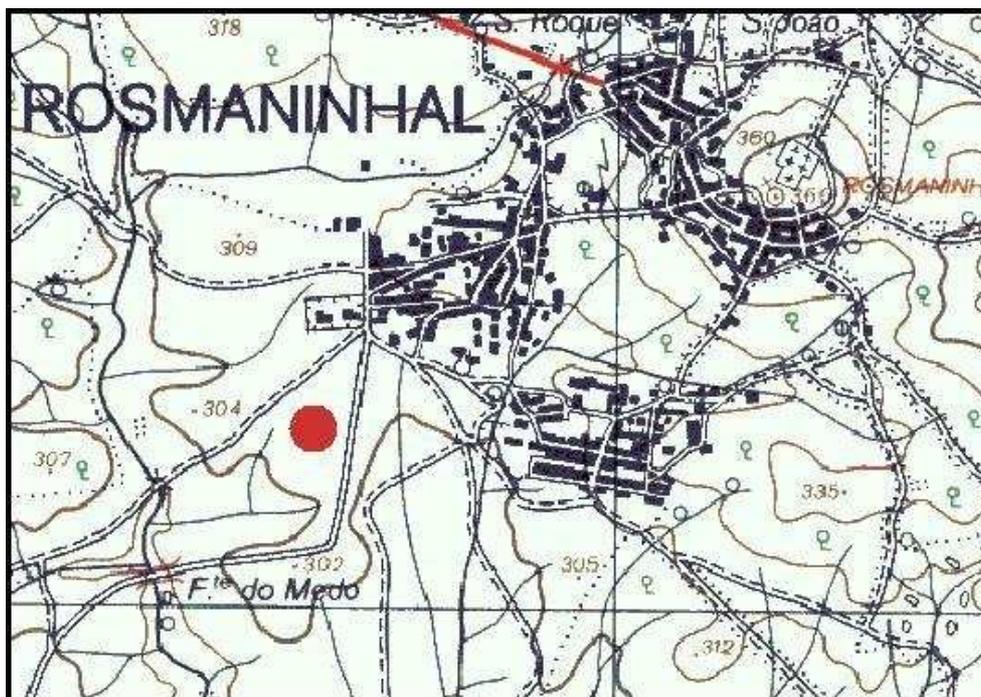


Figura 1. Localização da anta do Cabeço da Foca sobre extracto da folha 306 da Carta Militar de Portugal, do Instituto Geográfico do Exército.



Figura 2. Aspecto do monumento no início dos trabalhos de escavação arqueológica (1999).



Figura 3. Aspecto de uma fase de desenvolvimento da escavação arqueológica (foto J. Caninas).



Figura 4. Fase final dos trabalhos de escavação arqueológica (foto J. Caninas).



Figura 5. Vista do monumento de Sul para Norte, após reconstrução, com a área das antigas eiras da Devesa no primeiro plano, seguindo-se as escolas e parte do núcleo urbano da Devesa (foto A. Sabrosa).



Figura 6. Vista de trilhos de antigos caminhos de carroças na área das eiras, ao lado da anta (foto F. Henriques).

Trabalhos executados

A reconstrução foi executada por João Caninas, Francisco Henriques, Armando Sabrosa e Mário Chambino, em Maio de 2006, de acordo com Plano de Trabalhos aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia (IPA).

Para o efeito contou-se com o apoio da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova (financeiro) e da Junta de Freguesia de Rosmaninhal (material de construção e transportes) e com a colaboração de alguns residentes (Jorge Pinheiro).

Anteriormente, no decurso da investigação arqueológica e como forma de garantir uma protecção do monumento nos períodos entre campanhas, o Presidente da Junta de Freguesia de Rosmaninhal, Senhor António Manuel Almeida, montou uma cerca de arame apoiada em estacas de madeira, a delimitar uma área de configuração quadrangular.

Esta cerca tem condições para servir como solução definitiva, dispondo de uma entrada amovível como nos cercados para gado, e uma dimensão adequada à salvaguarda do monumento.

Com os escassos recursos disponíveis e num curto espaço de tempo executou-se um programa intencionalmente minimalista e de impacte reversível. A fundamentação do plano adoptado e registos mais detalhados da sua execução serão detalhados em futura publicação.

Procurou-se reconstruir a estrutura da câmara funerária, colocando novos esteios de xisto com dimensões (altura, largura e espessura) e idênticas às do único esteio⁹ que se conservava inteiro, embora não intacto devido à esfoliação sofrida ao longo do tempo.

O número de lajes agora colocadas (oito, incluindo o esteio original), e respectivas posições, foi determinado com base nos vestígios da estrutura original, a qual se encontrava evidenciada, para além do esteio referido, por bases de esteios fragmentados e por cavidades de implantação de outros (alvéolos), há muito dali retirados.

Os esteios substitutos foram colhidos na freguesia de Rosmaninhal, em depósitos de entulhos (**Figuras 7 e 8**) provenientes da construção civil ou de escavações diversas, e, em particular, na Martim Gomes, nas proximidades da rectificação de uma curva da estrada de acesso ao Rosmaninhal. As peças escolhidas foram utilizadas directamente, isto é, sem o recurso à rectificação do seu contorno.

Os esteios foram colocados com a ajuda de uma máquina dotada de pá fronteira e rodas de borracha (**Figura 9**). As peças foram suspensas com uma corda sob a pá da máquina, a qual avançou sobre o monumento até atingir à sobreposição do ponto de colocação do esteio. Seguidamente, a pá baixou até ao contacto da peça com o solo, em simultâneo com pequenos ajustes manuais (translações e rotações) executados por três operadores no solo (**Foto 9**).

⁹ Este esteio tem configuração antropomórfica.



Figura 7. Recolha de blocos de xisto para utilização na reconstrução (foto F. Henriques).



Figura 8. Meios utilizados no seu transporte dos esteios (foto F. Henriques).



Figura 9. Aspecto dos trabalhos de colocação de novos esteios (foto F. Henriques).



Figura 10. Outro aspecto dos trabalhos de colocação de novos esteios (foto F. Henriques).

As peças foram fixadas ao chão do monumento e travadas exclusivamente com blocos de quartzo, engenhosamente engrenados uns nos outros. Deste modo não foi necessário utilizar qualquer tipo de argamassa ou estrutura de fundação. A sua estabilidade futura seria reforçada pelo enchimento de gravilha até uma altura adequada (altura essa que garantia um destaque razoável dos esteios em relação ao espaço interior).

As áreas escavadas, no interior da câmara e do corredor, foram cobertas com geotêxtil e após a colocação dos esteios foram preenchidas com gravilha (**Figura 11**) de granito.

A envolvente da câmara funerária também apresentava pequenas depressões (resultantes da remoção efectuada no decurso da escavação arqueológica) que importava preencher. O procedimento foi idêntico ao adoptado no interior do contentor; o fundo da superfície escavada foi coberto com geotêxtil e o volume superior, até ao nível médio da superfície da mamoa, foi preenchido com terra, na parte inferior, e, acima desta, com gravilha de granito sendo a superfície capeada com blocos de quartzo leitoso (resíduos da escavação anterior), estabelecendo desse modo a continuidade com a couraça original.

Fez-se o enchimento da sanja Oeste. Tal operação consistiu na colocação de geotêxtil no fundo da área escavada o qual foi sobreposto, sucessivamente, por terra e pedras (provenientes da montureira criada no decurso da escavação arqueológica), gravilha e finalmente terra, no nível de capeamento.

Finalmente, em continuidade com aquelas duas áreas (câmara e corredor) instalou-se um acesso, também coberto com gravilha, desde a entrada (**Figuras 12, 13 e 14**), existente na cerca que delimita o sítio, até ao extremo leste da sanja correspondente à escavação do corredor funerário.

A caixa para colocação de gravilha, no acesso ao monumento, foi obtida com recurso a uma pouco profunda raspagem do solo.

Com a marcação deste acesso pretende-se que os visitantes circulem pelo piso de gravilha até ao interior do monumento, invertendo a marcha na câmara e regressando pelo mesmo trajecto, evitando, deste modo, o pisoteio da mamoa.

Deve reconhecer-se que a solução adoptada apresenta algumas irregularidades, numa análise estritamente científica, mas que se consideram aceitáveis num plano didáctico. São elas a insuficiente contiguidade entre os esteios, bem como o seu número e dimensões relativas (optou-se pela uniformidade, à excepção de um esteio mais estreito situado junto ao corredor).

O conhecimento acerca da inclinação original dos esteios estaria dependente do tipo de cobertura utilizada, facto que a escavação não conseguiu determinar. Assim, optou-se por manter os novos esteios em posição vertical favorecendo desse modo uma solução mais simples para garantir a sua estabilidade.

Admitiu-se, inicialmente, a encomenda de peças em ardósia que poderiam garantir uma solução mais resistente (as peças utilizadas têm uma durabilidade duvidosa) e contrastante. Porém, optou-se por reduzir os custos que tal solução implicaria utilizando, ao invés, peças de origem local.



Figura 11. Alinhamento corredor - câmara (foto A. Sabrosa).



Figura 12. Vista da ligação, em ângulo, entre a área escavada no decurso dos trabalhos arqueológicos e o corredor de acesso, este com desenvolvimento para o lado direito da fotografia (foto A. Sabrosa).



Figura 13. Junção entre a sanja escavada e o corredor artificial de acesso ao monumento (foto F. Henriques)



Figura 14. Corredor artificial de acesso ao monumento - fazendo a ligação a partir da cerca que delimita a área de protecção - cuja direcção aponta para Sul vendo-se, no limite do horizonte, a serra de Santiago de Alcântara, na Província de Cáceres (foto A. Sabrosa).

Face às opções tomadas, o programa executado não estará isento de críticas. Mas dado que o resultado é reversível, havendo outros meios e vontade de fazer melhor, é possível pôr em prática um outro programa de reconstrução.

De acordo com o plano original faltou executar outras medidas, tais como, a reposição da couraça de quartzo leitoso na parte da mamoa situada a Sul da câmara-corredor, onde tal cobertura está deficitária¹⁰ e a produção de sinalética e de painel explicativo no local.

Perspectivas

Com o restauro da anta-mamoa do Cabeço da Força o município egitaniense e, cumulativamente a Região de Turismo Naturtejo, dispõem de mais um sítio arqueológico visitável.

A sua integração em percursos de visita foi iniciada em Maio de 2006, com a sua inclusão num dos trajectos da Aula Arqueológica de Rosmaninhal, uma iniciativa da autoria de Mário Chambino, inspirada na Aula Arqueológica de Batuecas (Salamanca) e que conta com o apoio da AEAT e das autarquias locais.

Poderá ser o ponto de partida para a concepção da Rota do Megalitismo (na linha da proposta apresentada pela AEAT à Naturtejo) numa região que dispõe de muitos e bons exemplares das mais antigas arquitecturas conhecidas¹¹ em todos os concelhos desta região turística, principalmente ao longo do Tejo, onde estarão decerto em associação com o santuário de arte rupestre ali descoberto nos anos 70.

O potencial turístico-didáctico deste tipo de monumentos é elevado e com custos comparativamente reduzidos. Exemplos desse tipo de usos podem encontrar-se, há já vários anos, em várias regiões de Portugal, nomeadamente no distrito de Viseu (ver por exemplo os Percursos Pedestres de Vouzela, 2003), no Alentejo, por exemplo, nos municípios abrangidos pela Região de Turismo do Nordeste Alentejano (ver Paisagens Megalíticas do Norte Alentejano, s/d), no circuito das Antas de Elvas (Antas de Elvas, 2000) e no Circuito Arqueológico da Cola (Cola Circuito Arqueológico, 2002), no Algarve, por exemplo em Alcoutim (Roteiro do Megalitismo do Nordeste Algarvio, 1998), e do outro lado da fronteira, por exemplo, em Cedillo (Oliveira, 1994) e Santiago de Alcântara (Bueno *et al.*, 2006).

É notório o atraso que se verifica no distrito de Castelo Branco neste tipo de iniciativas, em comparação com o elevado potencial, em quantidade, diversidade e qualidade, de recursos arqueológicos, embora se deva recordar que a Câmara Municipal de Proença-a-Nova já incluiu o megalitismo local numa das rotas de percursos pedestres que promove com regularidade desde há vários anos.

¹⁰ Esta medida seria idêntica à solução executada no dolmén de Lagunita III (Bueno *et al.*, 2006).

¹¹ Existem largas centenas de monumentos como revelam os estudos efectuados pela Associação de Estudos do Alto Tejo desde há cerca de trinta anos (Henriques, Caninas & Cardoso, 1999).

Referências

- Associação Alcance (1998) - **Roteiro do Megalitismo no Nordeste Algarvio**, Faro.
- BUENO, P., R. BARROSO, R. DE BALBÍN & F. CARRERA (2006) – **Megalitos y Marcadores Gráficos en El Tajo Internacional: Santiago de Alcantara (Cáceres)**, Ayuntamiento de Santiago de Alcántara, 100p, Salamanca.
- Câmara Municipal de Vouzela (2003) - **Percursos Pedestres de Vouzela**.
- CARDOSO, J. L., J. C. CANINAS & F. HENRIQUES (2003) - **Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova)**, *O Arqueólogo Português*, nova série, 21, Revista do Museu Nacional de Arqueologia, nova série, 21, pp. 151-207.
- HENRIQUES, Francisco, João Carlos CANINAS & João Luís CARDOSO (1999) - **Arqueologia no Alto Tejo. Balanço de 30 anos de investigação**, *História*, nova série, 18, p. 68-74, Lisboa.
- Instituto Português do Património Arquitectónico (2000) - **Antas de Elvas, Roteiros da Arqueologia Portuguesa**,.
- Instituto Português do Património Arquitectónico (2000) - **Guia do Circuito Arqueológico da Cola**.
- Instituto Português do Património Arquitectónico (2002) - **Cola Circuito Arqueológico, Roteiros da Arqueologia Portuguesa**.
- JORGE, Virgolino Ferreira (1992) - **Princípios de Salvaguarda do Património Monumental**, *Correio da Natureza*, 17, Serviço Nacional de Parques Reservas e Conservação da Natureza, p. 56-58, Lisboa.
- Jornal do Fundão (2006) - **Aula Arqueológica**, 25 de Maio, Fundão, p. 7.
- Jornal Reconquista (2006) - **Anta do Cabeço da Força já se pode visitar**, 2 de Junho, Castelo Branco, p. 30.
- Jornal Reconquista (2006) - **Aula temática mostra valores históricos** 26 de Maio, Castelo Branco, p. 30.
- OLIVEIRA, Jorge (1994) - **Sepulturas Megalíticas Del Termino Municipal de Cedillo (Provincia de Caceres)**, Ayuntamiento de Cedillo.
- Região de Turismo de São Mamede (s/d) - **Paisagens Megalíticas do Norte Alentejano**.